

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

**O TRABALHO DA CRIANÇA E O TRABALHO INFANTIL: REALIDADES  
PARALELAS NO BRASIL<sup>1</sup>**  
**THE WORK OF THE CHILD AND CHILD LABOR: PARALLEL REALITIES IN  
BRAZIL**

**Karina Gentile Machado Dos Santos<sup>2</sup>, Bruna Rossato Da Silva<sup>3</sup>, Maiquel  
Toledo De Lima<sup>4</sup>, Cristiane Paula Strieder<sup>5</sup>, Luciane Gheller Veronese<sup>6</sup>**

<sup>1</sup> Estudo desenvolvido na disciplina de Gestão Organizacional e Subjetividade do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Email: karina.machado777@gmail.com;

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Email: rossatobruna7@gmail.com;

<sup>4</sup> Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Email: t.maiquel@gmail.com;

<sup>5</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Email: c.strieder@hotmail.com;

<sup>6</sup> Professora Doutora do Departamento de Humanidades e Educação do Curso de Psicologia na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI. Email: veronese@unijui.edu.br.

**INTRODUÇÃO:**

O Brasil, desde a povoação de suas terras, tem registros de trabalho, violência e exploração da infância. Apesar do destaque em nível internacional em relação ao combate do trabalho infantil, o país ainda contempla milhões de meninos e meninas em situação de exploração, violando seus direitos básicos.

O presente estudo tem como objetivo realizar uma análise, a partir de literaturas com orientação psicanalítica, acerca das relações de trabalho envolvendo crianças. Busca-se compreender e diferenciar o trabalho da criança e o trabalho infantil em diferentes realidades no contexto brasileiro, pensando como se dá sua relação e seus dobramentos para o sujeito na infância.

**METODOLOGIA:**

A metodologia desta investigação ocorreu a partir de uma revisão bibliográfica de textos e documentários analisados a luz do referencial psicanalítico. O estudo buscou apontar e contextualizar formas de relação com o trabalho presentes na infância brasileira e sua correlação com o discurso social dominante em nosso tempo.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

A infância pode ser concebida como construção social que sofre modificações no decorrer do tempo e de culturas. Os “pequenos” passaram por muito tempo sendo vistos como “mini-adultos”, para só posteriormente, a partir da modernidade, adquirirem o status de criança.

Compreender o lugar da infância brasileira e suas nuances em diferentes contextos, é de extrema importância para que possamos falar sobre o que se coloca hoje no discurso em relação ao trabalho da criança e ao trabalho infantil. O tema sempre foi importante, por revelar as mazelas de uma sociedade e pelos reflexos na formação dos seres humanos submetidas ao trabalho infantil, mas ganha relevo especial com o atual posicionamento do Presidente da República minimizando seus efeitos. Aos que não se posicionam ou o defendem, o trabalho infantil pode ser aceitável e até natural, alastrando-se “na proporção da crise econômica e social, pois o emprego da criança é proporcional ao desemprego de seus pais” (MEIRA, 2000, p.164)

No texto intitulado “Quando o trabalho da criança é o brincar”, Meira (2000) questiona esta lógica e aponta que o trabalho da criança é por excelência o brincar, pois são através de identificações feitas por suas referências, que a criança constrói cenas do que poderá vir a ser no futuro. O brincar é a construção de um lugar, uma encenação de experiências vivenciadas em relação aos pais, à escola, ao meio social ao qual ela está inserida. É também uma maneira de produzir respostas e elaborações, apoiando sua fantasia em um objeto-brinquedo.

Nesse contexto, tanto as crianças com vulnerabilidade social, quanto crianças de outras classes sociais são afetadas por esse discurso econômico. Projeta-se sobre as crianças um imperativo social dos tempos atuais: o da aceleração e da antecipação, próprios da lógica discursiva contemporânea. Para crianças desta segunda condição, perfeição e sucesso são ideais esperados, assim, entende-se que é preciso estabelecer desde muito cedo um caminho promissor, através da superestimulação de atividades extracurriculares, acarretando em tarefas excessivas, que introduzem na criança precocemente noções de obrigações e responsabilidades como “mini-adultos”, impedindo-a de gozar de seu espaço próprio de produções e elaborações que constituem o trabalho do brincar.

Por outro lado, quando o trabalho invade o terreno do brincar da grande parcela menos favorecida do país, encontramos um paradigma de uma infância que coexiste paralelamente e é muitas vezes ignorada: crianças que precisam trabalhar para sobreviver, seguidamente expostas a riscos e condições insalubres.

Conforme registros da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015, existem mais de 2,7 milhões crianças e adolescente menores de 16 anos em situação de trabalho infantil em território nacional. Segundo a pesquisa, as atividades se concentram em 32% no campo rural e 68% em atividades não agrícolas, estas desenvolvidas no comércio, nos lares domésticos, nas ruas, na prostituição, no tráfico, entre outras.

Mesmo com o passar dos anos, o trabalho infantil permanece sendo uma realidade no contexto socioeconômico e cultural brasileiro. Historicamente o trabalho na roça apresenta-se com grande

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

incidência no país, estendendo-se ainda aos dias atuais. As atividades, eventualmente, não são realizadas sob o imperativo de obrigação, mas como uma questão naturalizada, sendo parte de um contexto cultural, onde as crianças recriam e reproduzem os afazeres diários dos pais.

Na mesma lógica está o trabalho infantil no âmbito doméstico, ainda muito aceito pela sociedade, invisibilizado por estar envolto em um discurso mascarado como uma forma positiva de disciplinar a criança e afastá-la da criminalidade, reforçando a ideia de que “é melhor a criança trabalhar do que estar na rua”.

O trabalho no interior dos lares, diferencia-se da popular concepção de “ajudar em casa” ao caracterizar-se por atividades pelas quais a criança se responsabiliza inteiramente no lugar de um adulto, como: cuidar da casa, cuidar de pessoas (muitas vezes de outras crianças, irmãos menores...) cuidar da alimentação, entre outras. Muitas vezes, os menores são obrigados a abandonarem a escola por apresentarem baixo rendimento devido a fadiga decorrente de suas tarefas, o que inviabiliza atividades de lazer e interação social com outras crianças, limitando seu desenvolvimento físico e mental.

Observa-se que no contexto brasileiro existe uma realidade hostil para muitas crianças, principalmente para meninas, em regiões mais pobres do país, destacando-se a condição da prostituição infantil. Segundo Bastos (2008, p. 41), “para as próprias meninas, a prostituição é um meio de contribuir com a renda da família, a troca de seu corpo como mercadoria deixa precocemente o lugar dos sonhos e da brincadeira por assumir um lugar de dor e luta por sobrevivência”.

A inserção de crianças na prostituição, configura-se como abuso e tem consequências e efeitos. Os impactos podem ser de ordem física, psicológica e social. Em relação aos impactos causados, Oliveira (2016) pontua que alguns sintomas são comuns tanto em fase pré-escolar, escolar e pré-adolescência e podem ser observados, como: pesadelos, depressão, retraimento, distúrbios neuróticos, agressão e comportamento regressivo.

Outra questão que circula em nossa sociedade, é o trabalho infantil no tráfico e na marginalidade, sendo mais uma das formas de violência contra a infância presentes cotidianamente no Brasil: é o caso do envolvimento de crianças no tráfico de drogas, vivenciando conflitos armados, convivendo com as partes beligerantes, expostas ao porte de armas e à morte.

Tais questões são ilustradas em “Falcão-Meninos do Tráfico”, documentário produzido por Mv Bill em 2006. No documentário pode ser observado o processo de formação da identidade dos meninos da favela em relação com seu contexto da comunidade. Inseridos em situações reais de violência, estas são muitas vezes naturalizadas e reproduzidas em seus possíveis momentos de brincadeiras.

Os meninos inseridos na marginalidade, encontram nos traficantes uma imagem de referência, que lhes transmitem a significação de portar uma arma e o respectivo poder, respeito e sedução que ela lhes promete. Almejar uma arma para si, é uma representação de identificação e de fascínio que suas figuras de referência transmitem na comunidade em que vivem.

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

Pode-se afirmar que crianças que se desenvolvem em ambientes onde há uma condição social vulnerável, com poucas oportunidades de modificar sua realidade social, acabam em sua maioria, sendo vítimas da inserção ao trabalho na infância.

Crianças que vivenciam a lógica do trabalho de modo precoce, estejam elas em condição de luta pela sobrevivência no presente ou precisando se preparar para a sobrevivência no futuro estão referidas ao mesmo ideal, retornando a condição de “mini adultos”. Assim, exclui-se a possibilidade do brincar como estruturante em suas vidas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imersão das crianças no discurso capitalista atual produz graves violações em seus direitos de experienciar a infância. Seja pela incidência de tarefas excessivas ou pela necessidade de acesso a bens de consumo que garantam sua sobrevivência, as atividades provocam uma adultização precoce sobrepondo-se ao lugar do brincar.

Quando impossibilitada de brincar e se vincular com outras crianças, consequências se desdobram diretamente sobre o desenvolvimento da criança, limitando e comprometendo possibilidades de elaborações e de aprendizagens, fundamentais na infância.

O trabalho infantil é inaceitável, o trabalho da criança, por excelência, é o brincar, assim, é preciso que lhe seja possibilitada um espaço à infância, onde esta possa ampliar seu campo simbólico.

Palavras-chave: Trabalho infantil; Brincar; Discurso Social; Vulnerabilidade; Infância;

Keywords: Child labor; Play; Social Speech; Vulnerability; Childhood;

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, B.R.A . Violência contra a criança e o adolescente. Exploração Sexual Infanto-juvenil. Monografia de Especialização em Direito da Criança e do Adolescente - Fundação Escola Superior do Ministério Público do Estado de Mato Grosso, 2008.

BITTENCOURT, Blenda Domingues. Infância, trabalho e socialização em Itapuranga-GO: agricultura familiar em contexto de mudanças. 2013. 163 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

FALCÃO - Meninos do Tráfico. Direção de Mv Bill e Celso Athayde. Rio de Janeiro, 2006. 58 minutos.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional por amostra de domicílios- 2015. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>

MEIRA, Ana Marta Goelzer. Quando o trabalho da criança é o brincar. In: JERUSALINSKY,

Bioeconomia:  
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO UNIJUI 2019  
CONHECIMENTO



21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica  
XXIV Jornada de Pesquisa  
XX Jornada de Extensão  
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

Alfredo. O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo. Artes & Ofícios. São Paulo, 2000.

NÃO é brinquedo. Direção de Daniele Rodrigues. Santa Catarina, 2014. 30 minutos.

OLIVEIRA, A.M. A prostituição infantil e a psicanálise. Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos. 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0388.pdf>. Acesso em: 27 de maio.2019